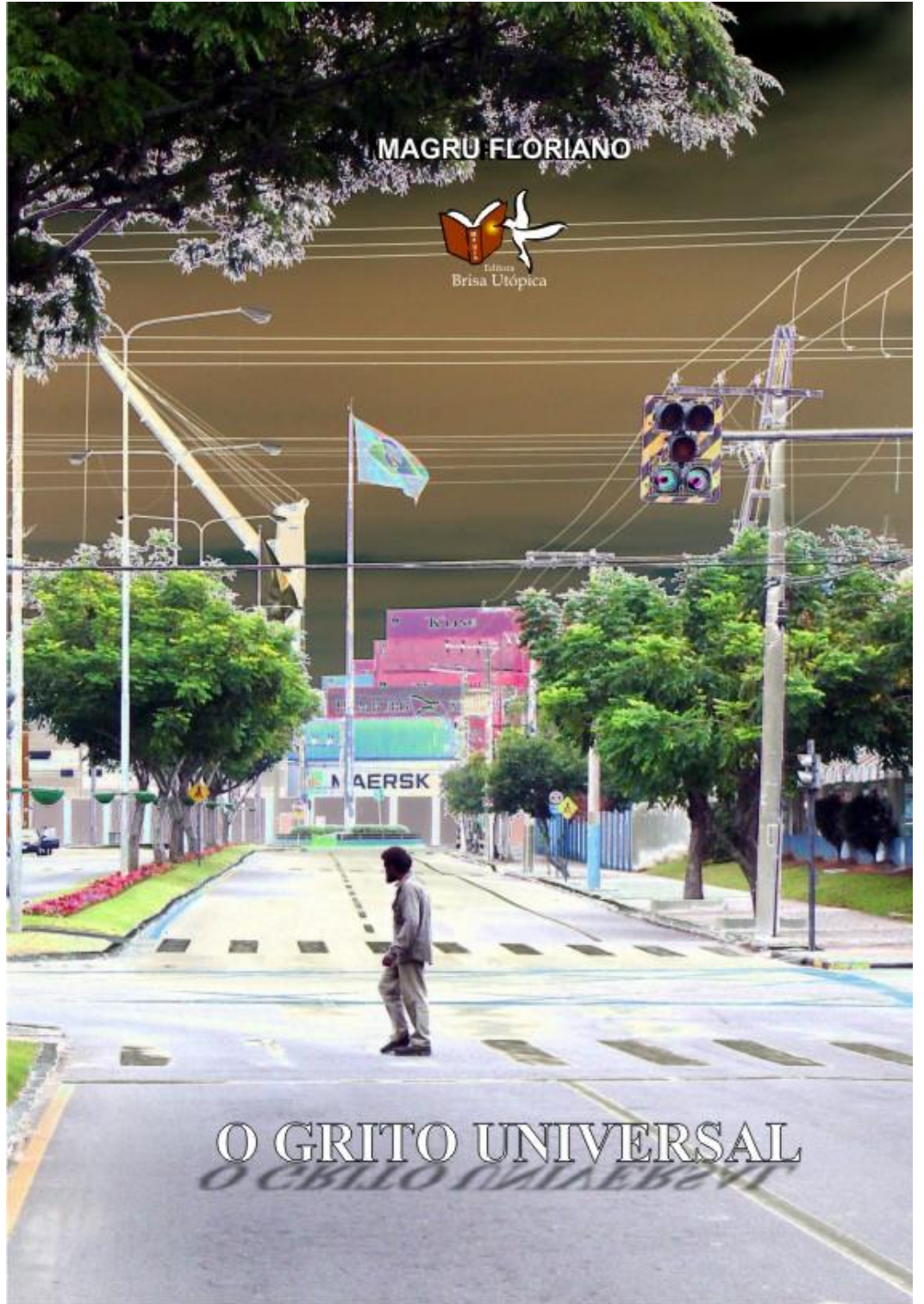


MAGRU FLORIANO



O GRITO UNIVERSAL

MAGRU FLORIANO

O GRITO DA TERRA
E OUTROS GRITOS

BRISA UTÓPIA
ITAJAÍ /2008

DEDICATÓRIA

Dedico esse livro ao amigo e poeta
Nilson Weber

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como escopo fazer dialogar duas manifestações artísticas – fotografia e poesia – ao mesmo tempo que promovendo uma análise sociológica [quase denúncia] sobre a situação dos muitos marginalizados no Brasil. Esse país que já superou a fronteira do subdesenvolvimento e ficou rico, muito rico, ainda tem um povo, na sua maioria, pobre, muito pobre.

Nesse sentido, o trabalho começa mostrando a situação da má distribuição da terra no Brasil, herança do modelo feudal imposto ainda no tempo das capitâneas hereditárias, através de um poema que fala da luta dos movimentos sociais mais radicais como é o caso do Movimento dos Sem-Terra.

Na estrada, segue o caminho da prosa e da imagem, em direção à cidade, onde o número de marginalizados é ainda mais gritante. Então, o grito do campo por justiça social ecoa na cidade de forma acentuada, ricocheteando pelas encostas dos morros que abrigam as muitas favelas, e em cada casa abandonada, calçada e marquise que abrigam nosso povo completamente largado à própria sorte.

Aqui a arte faz-se GRITO!

O GRITO

DA

TERRA

O GRITO DA TERRA

vejo pessoas caminhando
por uma estrada de chão batido
ladeada por cercas de arame-farpado
passo a passo mais alegres
como se donas fossem
do seu destino.
quem são?
onde vão?

vejo pessoas caminhando
seguem alegres, falantes, apressadas
nas mãos, algumas carregam bandeiras
outras, facões, pás e enxadas.
hinos e refrões
sonoros coros ou simples berros
abafam o som da batida cadenciada
dos pés descalços na terra dura.

a cada passo mais exaustas
a cada passo mais empoeiradas
a cada passo mais rotas,
famintas e suadas ...

cansadas e sorridentes
quem são?
descamisadas e felizes
onde vão?

[continua]

vejo pessoas caminhando
quanto mais cansadas, mais unidas
quanto mais rotas, mais decididas
formando uma tertúlia
ávidas por um torrão de terra
onde plantar futuro, sonhos
suor e compaixão.
tudo fazendo por uma pequena leiva
pedaço diminuto de chão.
querem apenas plantar arroz
trigo e feijão
uma pequena gleba
onde possam ver brota a vida
colher a existência
com suas próprias mãos.

apesar de ser
um sonho tão pequenino
não passa de ilusão
o que tem de justo, tem de proibido:
a terra tem cerca, tem dono
e os homens, há muito
desaprenderam a dividir o pão.

a cada passo
a cada canto, então
a paz parece mais distante
fardas e armas
reforçam as cercas
cada homem, como se fosse um mourão
fincando firme no solo
como esteio da grande propriedade
orgulho do senhor patrão.

[continua]

vejo pessoas caminhando
armas desfazendo sonhos
e corpos caindo ao chão.
quem cai?
por que morre?

meu Deus! meu Deus!
é justo tombar na luta
um homem que apenas sonha
para os seus?
é justo!? diga-me, por favor, senhor!
é J-U-S-T-O?
com tanta terra
com tanto gado
por que fazer de seu povo
um povo desgraçado?

se há comida – por que morrer de fome?
se há terra – por que morrer peregrino?
se há riqueza – por que viver roto, desvalido?
por que morrer paria
no meio do caminho?
por quê?

IL GRIDO DELLA TERRA

vedo persone camminando
per una strada di terra sbatuta
affiancata per siepe di filo spinato
passo a passo piú allegri
come si padrone fossero
del suo destino.
chi sono?
dove vanno?

vedo persone camminando
seguono alegri, parlanti, frettolosi
nelle mani, alcuni portano bandiere
altri, falce, pale, zappe
inni, ritornelli
sonori cori o semplici gridi
affogati il suono delle battute cadenzata
dei piedi scalzi nella terra dura.

ogni passo piú esauste
ogni passo piú impolverata
ogni passo piú rote
affamate e sudate ...

stanche e sorridente
chi sono?
scamiciate e felice
dove vanno?

[continua]

vedo persone stanche
piú stanche sono, piú unite
piú rotte sono, piú decise
formando una adunanza
avide per un pezzo di terra
dove piantare i futuri sogni
sudori e compassioni
facendo tutto per una piccola gleba
pezzo diminuto di terra
vogliono appena piantare il riso
granno e fagioli
una piccola gleba
dove possono veder germinare la vita
racogliere la esistenza
con sue proprie mani.

purtroppo di essere
un sogno cosí piccolino
non passa d` ilusione
che c` é di giusto, c` é proibito:
la terra senza siepe, senza padrone
e gli uomini, ne sono tanti
hanno disimparato a dividere il pane.

ogni passo
a ogni angolo, allora
la pace sembra piú lontana
uniforme e armi
rifornano le siepe
ogni uomo, come si fossero una palanca
piegata firme nell suolo
come palanca della grande proprietá
orgoglio del signor padrone.

[continua]

vedo persone camminando
armi sfacendo sogni
corpi caduti per terra.
chi cade?
per che muoiono?

dio mio! Dio mio!
é giusto cadere nella lotta
um uomo che appena sogna
per i suoi?
é giusto!? dicame, per favore, Signore!
é G-I-U-S-T-O?
con tanta terra
con tanto armento
per che fare di questo popolo
um popolo disgraziato?

se c'è cibo - per che morire di famme?
se c'è terra - per che morire pellegrino?
se c'è ricchezza - per che vivere rotti, svalutati?
per che morire paria
in mezzo alla strada?
per che?

EL GRITO DE LA TIERRA

veo personas caminando
por un sendero de tierra
bordeado de cercos de alambre de púas
paso a paso más alegres
como si dueñas fuesen
de su destino.
¿quiénes son?
¿adónde van?

veo personas caminando
siguen alegres, habladoras, apresuradas
en las manos, algunas llevan banderas
otras, facones, palas y azadas.
himnos y consignas
sonoros coros o sencillos gritos
sofocan el sonido del golpe rítmico
de los pies descalzos en la tierra dura.

a cada paso más exhaustas
a cada paso más empolvadas
a cada paso más rotas,
hambrientas y sudadas ...

cansadas y sonrientes
¿quiénes son?
descamisadas y felices
¿adónde van?

[continua]

veo personas caminando
cuanto más cansadas, más unidas
cuanto más rotas, más decididas
formando una tertulia
ávidas por un terrón de tierra
donde plantar futuro, sueños
sudor y compasión.
haciendo de todo por un pequeño terreno
pedazo diminuto de tierra.
quieren apenas plantar arroz
trigo y frijol
una pequeña gleba
donde puedan ver brotar la vida
cosechar la existencia
con sus propias manos.

a pesar de ser
un sueño tan pequeñito
no pasa de ilusión
lo que tiene de justo, tiene de prohibido:
la tierra tiene cerco, tiene dueño
y los hombres, hace mucho
desaprendieron a dividir el pan.

a cada paso
a cada canto, entonces
la paz parece más distante
uniformes y armas
refuerzan los cercos
cada hombre, como si fuese um mojón
clavado firme en el suelo
como puntal de la gran propiedad
orgullo del señor patrón.

[CONTINUA]

veo personas caminando
armas deshaciendo sueños
y cuerpos cayendo al suelo.
¿quién cae?
¿por qué muere?

!Dios mío! !Dios mío!
¿es justo que caiga en la lucha
un hombre que apenas sueña
para los suyos?
¿!es justo!? !dime, por favor, señor!
¿es J-U-S-T-O?
con tanta tierra
con tanto ganado
¿por qué hacer de tu pueblo
un pueblo desgraciado?

si hay comida – ¿por qué morir de hambre?
si hay tierra – ¿por qué morir peregrino?
si hay riqueza – ¿por qué vivir roto, desvalido?
¿por qué morir paria
en el medio del camino?
¿por qué?

THE EARTH CRIES OUT

I see people walking
along a rutty mud road
surrounded by barbed wire fences
happier with each step
as though masters
of their own destiny.
who are they?
where are they going?

I see people walking
happy, talkative, hurrying
some carrying flags
others, machetes, spades and hoes.
Anthems and refrains
sonorous choruses or raw cries
muffle the sound of the beating rhythm
of their bare feet upon the hard earth.

growing more exhausted with each step
with each step more dusty
with each step more routes,
hungry and sweating ...

tired and smiling
who are they?
Bare-chested and happy
where are they going?

[Continua]

I see people walking
the more weary they grow, the more united
the more routes, the more decided
forming an informal gathering
eager for a clod of earth
a place to plant the future, dreams
sweat and compassion.
all this for a small furrow
a tiny piece of land.
all they want is to plant rice
wheat and beans
a small patch of land
where they can see life budding
harvesting existence
with their own hands.

although it is
such a small dream
it is no more than an illusion
it is fair, yet forbidden, in equal measure
the land has a fence, it has an owner,
and men, long since,
have forgotten how to share the bread.

With each step
With each song, then
peace seems far off
uniforms and weapons
reinforce their fences
each man, as through he were a post
standing firm on the soil
like the supports of a large property
the landowner's pride.

[CONTINUA]

I see people walking
weapons destroying dreams
and bodies falling to the ground.
who falls?
why die?

My God! My God!
is it fair to fall in the fight
a man who is only dreaming
for their loved ones.
is it fair!? Tell me, please, sir!
Is it F-A-I-R?
with so much land
with so much cattle
why make your own people
a despised people?

if there is food – why die of hunger?
if there is land - why die a pilgrim?
if there is wealth – why live broken, worthless?
why die a social outcast
in the middle of the road?
why?

Der Ruf der Erde

Ich sehe Personen , die
durch eine Erdstraße gehen
umgezäunt mit Stacheldraht.
Schritt nach Schritt sind sie fröhlicher
als ob sie Besitzer
von ihrem Schicksal wären.
Wer sind sie?
Wohin gehen sie?

Ich sehe Leute an gehen
gehen froh, sprechend, eilig weiter.
In den Händen, tragen einige Flaggen
andere Buschmesser, Spaden und Hacken,
Hymne und Refrain
Wohlklingende Chore oder einfache Schrei
dumpfen den Ton der rhythmischen Schlag
von den barfussigen Füßen auf der harte Erde.

Nach jeder Schritt erschöpfter
Nach jeder Schritt staubiger
Nach jeder Schritt ärmer
hungriger und geschwitzt...

Müde und lachend
Wer sind sie?
Ohne Hemde und froh
Wohin gehen sie?

[continua]

Ich sehe Leute an gehen
desto mehr müde, mehr zusammen.
Sie bilden eine Gesellschaft
gierig für ein Stück Erde
wo sie Zukunft, Träume
Schweiß und Mitleid pflanzen.
Sie machen alles um eine Ackerscholle,
kleiner Stück Erdboden,
wollen nur Reis pflanzen
Weizen und Bohnen,
eine kleine Fläche
wo sie das das Leben keimen sehen
die Existenz begreifen
mit ihren eigenen Hände.

Obwohl es einen sehr kleinen Traum ist,
ist es nicht mehr als eine Illusion
was es von gerecht gibt, gibt es verboten:
die Erde hat Zaun, hat Besitzer
und die Menschen haben seit lange
vergessen den Brot zu teilen.

In jeder Schritt
in jede Ecke, dann
der Frieden sieht entfernt aus
Uniformen und Waffen
verstärken die Zäune
jeder Mensch, ist wie eine Mauer
in die Erde stark reinstecken
als stütze von das grosse Land
stolz von der Herr Besitzer.

continua]

Ich sehe Leute an gehen
Waffen, Träume an zerstören
Körper fallen auf dem Boden.
Wer fällt?
Warum sterben?

Mein Gott! Mein Gott!
Ist es gerecht in Kampf umfallen
ein Mensch wo nur träumt
für sein Volk?
Ist es gerecht? Erzähl mir, bitte, Herr!
Ist es g-e-r-e-c-h-t?
Mit so viel Erde
Mit so viel Vieh
Warum von seinem Volk
einem unglücklichen Volk machen?

Wenn es Essen gibt – warum vor Hunger sterben?
Wenn es Erde gibt – warum als ein Pilger sterben?
Wenn es Geld gibt – warum schlecht leben?
Warum sterben ohne nichts in der Mitte vom Weg?
Warum?

OUTROS

GRITOS



QUEM SE IMPORTA?

hoje é sábado
e deus abre sobre nós manto feito de nuvens
nos cobrindo com seu carinho de pai
abrigo do vento sul – frio – de nossas entranhas
a todos protege com mantos e mantas aladas
vez e outra, abrindo frestas entre nuvens escuras
por onde espia nossas vicissitudes, temores e inquietudes

mas, eis que para além de sua proteção de pai piedoso
jogado no meio da rua
sem direito a pedir perdão,
ou ter direito à partilha do maná, que é pão,
em estado de pura miséria
sobra um ser a quem chamamos mendigo
o último da escória da escória
a sobra da humanidade renegada entre a ralé

quem se importa?

se deus, que a todos protege com seu carinho
de pai onisciente e onipresente – não olha
E se o demônio, que a todos devora com seu olhar
plutocrata de fera – também o ignora
quem se importa?

[continua]

o poeta se importa!
recusa a cobrir-lhe com seu olhar piedoso e indiferente
e serve-lhe o alimento da sua prosa
como abrigo dedica-lhe versos
na intenção de que cada palavra seja conforto,
amor, compreensão, dignidade...

o poeta se importa
com aquele, sem nome, tombado na rua
cuja existência foi desnuda pelo vício ou destino
fazendo doer a humanidade, mesmo que pouca,
que inda sobrevive em nós

o poeta se importa
e lhe oferece o melhor de si:
o abrigo dos seus versos
o alimento da sua prosa

NÃO SOU IMORTAL

não nutro qualquer esperança
sobre mim mesmo
sei que vou morrer
como todos os demais mortais
e o futuro pertence
exclusivamente
a outros...

ao ver Albert Camus
retratado por Henri Cartier-Bresson
tenho a compreensão exata
da imortalidade:
uma imagem que permanece bela
para além do tempo
e dos contra-tempos

mas Cartier-Bresson não me viu
e sequer respirei o ar asfixiante
do fumante neurótico e desesperado
que foi Albert Camus

sei dos meus limites: egoísta, vil, fútil, cotidiano
insignificante...
e essa consciência do que sou e do que não sou
tira-me qualquer esperança
sobre mim mesmo

resta-me a sabedoria
de olhar para os outros
aqueles, que um dia herdarão meu futuro.

ESCURIDÃO

o brilho das estrelas
não lembra mais o teu brilho
e a lâmina d'água do Rio Itajaí
não reflete mais tua imagem
contemplativa e serena

as nuvens passageiras
não desenham teu rosto ao acaso
no céu avermelhado de final da tarde
e o vento não traz versos
sobre teu olhar enigmático e apaixonado
assim como as sabiás
esqueceram teu canto
enquanto as flores do nosso jardim
esqueceram teu perfume

e dentro de mim então
calou-se a memória de ti

não sobreviveram as lembranças
e de ti
sequer recordo o sorriso

o tempo, faz tempo,
apagou teu brilho
dentro de mim

REALISMO

peço perdão
por minha alma
não sentir alegria
ao ver o sol nascer

este momento belo, que é feito luz,
ofende as imperfeições da vida
que por serem muitas
revelam-se como verdades cotidianas
remexendo nas entranhas imundas
do mundo

peço perdão
por minha alma
ver o mundo feio, feio

sei que muitos
esperam do poeta
a poesia da redenção
palavras belas que molduram
as coisas mundanas, imperfeitas, feéricas ...
sei da missão rejuvenescedora
alucinógena, romântica
que muitos atribuem ao poeta
e peço perdão
por ver o feio, feio
e não ter palavras suficientes
para cobri-lo de alegria
luz ou meias-verdades

[continua]

peço desculpas
pelo poeta que sou
sem palavras suficientes
para esconder do mundo
a sua própria imagem

não há beleza em ser mendigo
estar na chargeira – tingido em vícios
arcado pelo peso de sua história
anônima, mas severa

não há luz
no sangue do flagelado
pela fome e a miséria urbana
daquele que foi cuspidor do campo
pelo egoísmo de poucos

sei que do poeta espera-se luz
mas como poeta faço questão
de ver esses seres invisíveis
que evitamos dirigir nossos olhares
e a pensar suas mazelas

eu vejo no escuro
e por isso
não canto o nascer do sol

INVISIBILIDADE

que gente é essa
que grita pelos becos do mundo
e mesmo assim
permanece inaudível
diante da multidão hedonista e fútil?

que gente é essa
que dorme nas calçadas dos becos
e bancos das praças do mundo
e mesmo assim
permanece invisível
diante da multidão cega pelo consumo do supérfluo?

responde o homem de bem:
é gente que não merece nosso olhar
nossa atenção ou preocupação!
é gente sem beira e sem eira
sem nome, sem futuro, sem humanidade!
é gente que não merece nossas moedas
materialidade de nossa compaixão.

roupas rotas, sujas
corpos rotos, sujos
vidas rotas, sujas
destinos rotos, sujos

na cidade limpa
a cidade limpa

[continua]

corpos nus de esperança
bocas nuas de discurso
mãos nuas de solidariedade
abraços nus de afeto

jogada na calçada
sem existir
eis que essa gente
apesar de tudo, sente

mas quem se importa?

PASSOU NA TEVÊ

hoje todos perguntam:
quem matou isabella?

a mídia gastou tempo
a multidão gastou tempo
a polícia gastou tempo
a justiça gastou tempo
em descobrir quem matou essa menina
de olhar suave e voz angelical

mas, quantas isabelas padecem
nas enfermarias dos hospitais
vítimas da violência doméstica
sem receberem um segundo de atenção?

quantas crianças gritam
entre paredes de lares desfeitos ?
quantas crianças gritam
próximas de nossos ouvidos fechados
de nossos olhos desatentos
de nossos corações desapaixonados,
quantas?

felizmente a mídia
nos lembra, vez ou outra,
nossa condição de surdos, mudos e cegos
para as coisas do mundo

a mídia faz o grito ser ouvido...
mesmo que por breves instantes.

QUEM ?

eis que te vejo pedir
sem nada receber
atestando a fartura
da miséria humana

tua boca esfolada e desdentada
conta histórias de um homem
que peregrinou entre sodoma e gomorra
entre infernos e enfermos
tendo como parceira a insensibilidade humana

teu olhar perdido é de fome
e conta histórias de um sobrevivente
do holocausto cotidiano da modernidade

cada trapo como registro da dor
cada ruga como testemunha do silêncio
cada ferida como companheira ocasional
a lhe servir a dor cotidiana

se toda tua dor fosse física
se toda tua fome fosse de alimento
se toda tua sede fosse por água
bastava-te uma moeda
dessas que trago na algibeira...

mas, és miserável na plenitude
da tua humanidade
e além da fome e sede que te serve o corpo
tens fome e sede de amar
e ser amado ...

mas quem ousaria tanto?

FERA HUMANA

a lua explica a noite
o sol explica o dia

a fartura da miséria humana
é tão vasta, tão intensa
que sobra para explicar
a vida e sobrevida
de todas as nossas insignificâncias

a condição humana explica-se
nas evidências de fera que guardamos
na ponta de nossos dentes caninos

e se não uivamos ao luar
é por puro comodismo
de não querer desligar a televisão.

REVOLTA

vou matar o tempo
enforçar o dia de trabalho
cortar caminho
jogar conversa fora
dobrar a língua
e cuspir no prato que comer.

SURPREENDER

*“um segundo de alegria
na vida de um pária
é como ilha em oceano aberto
terra firme a abrigar náufrago”*

pensando assim, saiu o poeta
por entre párias a lhes surpreender:

para o primeiro – que lhe pediu pão
deu uma caixa de chocolates finos

para o segundo – que lhe pediu moedas
deu uma nota de vinte reais

para o terceiro – que lhe pediu um real
por peça artesanal feita com lata de cerveja velha
de um abraço de artista
e todo o dinheiro que lhe restava na carteira

supriu, o poeta, a memória dos párias
com segundos de alegria
e por isso fez-se ilha
em pleno centro da cidade
cheia de gente insensível e egoísta
também prestes a naufragar

obs: história verdadeira, ocorrida na Páscoa de 2007.

NARCISO

de tão belo
preferiu amar a si próprio

escondeu-se no olhar enviesado
que lhe fornecia, sempre,
sua própria imagem refletida
nos espelhos da vida

nem mulheres, nem homens,
nem a humanidade

amou-se intensamente

e esse amor chegou a tal ponto
que fugiu para dentro de si mesmo
para ficar em sua companhia
na êxtase do amor pleno

amou-se egoisticamente

e nesse egoísmo total
que só o amor permite
vez ou outra
jogava moedas aos pobres pedintes
nas esquinas da vida
pensando estar concedendo esmolas
a quem teve o prazer
de vê-lo sorrir.

APESAR DE TUDO

a vida é dor

e se algum momento
de alegria soçobrou
nesta trajetória à deriva
rumo à morte
foi por puro descuido do
cria-dor

a noite é escura
e se alguma luz se impôs
as trevas de minh'alma
lúgubre e peregrina
foi por puro acaso ou afirmação
do caos que domina a paisagem
da vida

a noite é escura
a vida é dor
apesar da luz
apesar do amor

LIBERDADE! LIBERDADE!

hoje é treze
treze de maio
maio dos negros, grilhões, chicotes,
açoites, carne esfolada,
senzala, gemidos de dor ...

hoje é treze
treze de maio
e ninguém lembrou da liberdade
porque todos deram passos apressados
em direção ao trabalho
presos à corda de seus relógios
grilhões da modernidade

hoje é treze
treze de maio
e não ouvi falar em liberdade

vi, pela janela do meu apartamento,
em plena madrugada,
treva e neblina
no embate acelerado da fome
tragando as formas das coisas
na rua treze de maio:
casas, postes, árvores
e até a própria memória da cidade
e sua gente escrava
que se pensa livre de grilhões e senzalas
mas sequer possui a chave
de sua própria consciência

O SINO DA MATRIZ

o poeta insone
revisita o beco moritz
contando seus paralelepípedos
enquanto a neblina lambe
suas pálpebras quase despertas

não há vida nas horas insones
apenas um vagar de morto-vivo
que surfa nas ondas sonoras
do sino da igreja do santíssimo

o poeta sabe:
a noite esconde os pássaros
e expõe à luz de néon
mariposas, mendigos, prostitutas,
drogados e seres errantes
que vagueiam de poste em poste
de lixo em lixo
a cata de nada

enquanto o sino interrompe
o silêncio insone da madrugada
mendigos vasculham, em busca de nada,
as lixeiras dos edifícios
da travessa moritz
onde encontram, amassadas,
embalagens de presentes
com as inscrições:
“feliz natal!”

FAVELA DO PONTAL

a miséria espia itajaí
com seus olhos
de tábuas comidas pelo tempo

é tanta desgraça
é tanta desventura
é tanta insensatez
que as águas do itajaí
não correm o suficiente
para levar tudo de volta
à portugal

a miséria espia itajaí
nas margens de lá do rio
abrigo de navegantes
nutridos pela fé em são pedro e nossa senhora

tanta riqueza
tanta miséria

mundos opostos
margens opostas

são pedro e nossa senhora
abençoam os navegantes
enquanto o santíssimo guarda itajaí
sob seu manto sagrado

entre tudo e todos
passa o rio indiferente
à sorte dessa gente

PAI

pai
desculpe tanta arrogância
pai
desculpe tanta ingenuidade
pai
desculpe tanta prepotência
pai
desculpe tanto arrependimento
por tudo que não tem como retroceder
pois tua morte tornou, tudo
apenas energia solta no infinito

pai
soubesse, eu, do futuro
ou soubesse, eu, de mim mesmo
algo mais do que a soberba me oferecia
jamais teria te dito uma meia-palavra
que não fosse mensageira de amor

pai
soubesse, eu, da saudade
ou soubesse, eu, de mim mesmo
algo mais do que a intolerância me oferecia
jamais faria em direção a ti um meio-gesto
que não fosse princípio de um beijo

[continua]

pai
hoje caminho pelas estradas barrentas
das laranjeiras
e ao longo da planície
coberta pelo dourado das plantações
avisto, no cimo de um oteiro
a igreja de são sebastião
simples, bucólica, fechada ...
mas a tudo olhando e tomando tento
assim como tu, assim como tu pai
a me olhar

pai
não foi justa a tua partida
abrupta, inesperada
porque não me deu qualquer chance
de reconciliar contigo
e comigo mesmo
tua partida é ainda ferida aberta
um aceno de lenço branco
tragado pela distância
e a névoa da saudade
tua partida é uma chaga
que não cicatriza em meu peito
espinho que faz meu corpo
lacrimar de dor
latência que faz meu coração
desacelerar a ponto de querer parar.

[continua]

pai
não me basta tua memória
não. não me basta olhar a bucólica
igrejinha de são sebastião das laranjeiras
nada é suficiente na ausência de teu beijo
o beijo do teu perdão

pai
tua partida me roubou o perdão
tua partida, pai, me roubou a felicidade
de se estar em paz com quem se ama
teu perdão, pai, foi com teu corpo
rumo a um infinito que desconheço
o endereço
a impossibilidade do teu perdão, pai,
me faz calar, me faz parar
e no silêncio próprio dos arrependidos
me construo menos prepotente
menos arrogante, menos ingênuo
menos afoito e soberbo

pai
se não foi justa a tua partida
porque me roubou o teu perdão
pelo menos que cada ato meu
no futuro que inda tenho
seja antes de tudo, e sempre,
um pedido de perdão
por não ter te compreendido
por não ter te correspondido

pai
não foi justa a tua partida
mas um dia também parto
e será justo nosso reencontro.

EXEMPLO

meu pai sempre foi exemplo
que não quis seguir

neguei seus conselhos
neguei seus discursos
neguei seus jeitos e trejeitos
sua roupa, seus ares e seus olhares

ovelha negra
segui caminho contrário
e me afastei a ponto de me sentir distante

mas, eis que o tempo
a tudo emenda e remenda
e até mesmo trapaceia descaradamente
com a gente

hoje, vejo que de tanto andar
pensando na distância que separa
acabei voltando ao mesmo lugar
e seguindo seus passos

apesar de não querer
apesar de maldizer
apesar de renegar
apesar de ovelha negra
e apesar dos pesares
eu sou o que ele me ensinou
com seus beijos e olhares.

OS SINOS DA IGREJA DO SANTÍSSIMO

para que servem
a uma hora dessas
os sinos da igreja do santíssimo?
anunciam as horas
no vácuo da madrugada
como pássaros a cantar na gaiola
sempre, pra nada

para que servem
os sinos da igreja do santíssimo
se a humanidade está surda?
então, dorme o sono dos justos
porque aprendeu a não ouvir
sua própria consciência

tivessem os sinos da igreja do santíssimo
o dom de despertar consciências
esse som metálico
que cruza o vácuo negro da madrugada
seria mais que esmola ou caridade
seria som da utopia divina na terra

a cada badalada, então,
um sorriso
de quem aprendeu a repartir o pão.

ENCHENTE DE 2008

deus choveu sobre nós
como choveu sobre noé

nossa gente pobre soçobrou
por cima do que não tinha
entre miséria e nada
sequer piedade de um deus
que precipitou-se em fúria
sem dizer seus porquês

por que, deus, fez-se água
e depois lama?
por que tirar dessa gente
o que já não tinha?

talvez quisesse, deus, vingar-se
do único pecado dessa gente
de ter nascido entre nada.

DESEMPREGO

aquele terno
vestiu seu dono ...
folheou
leu o jornal
em busca de emprego
sentou debaixo
da figueira centenária
entre aposentados, mendigos e hippies
habitantes da praça quinze
fumou um cigarro carlton
e depois ...
sangrou documentos
diante do chefe
da secção de pessoal

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

OPRESSÃO

é do povo
aquilo que é permitido
ao povo

é como ter
visão aguçada
estando confinado
em um cárcere

é como ter
o domínio da retórica
tendo a língua decepada

é do povo
aquilo que é permitido
ao povo

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

AOS SIMPLES

ah, justiça humana
gloriosa mentira
pérfida, desleal
quanto deves a ti mesma?
quanto roubaste de ti própria?

por que vestes as fantasias douradas
de reis e governantes?
por que vestes as togas
de juízes prepotentes e tendenciosos?
por que habitas as bocas
dos senhores “honrados”
doutores em prevaricar?

nascestes para tutelar a posse da terra
e aos pobres servir de doce mortalha
da cerca de arame farpado
- que nega a milhares de famintos
o direito de trabalhar para sobreviver
és a estaca mais forte

às galés acorrentas os pulsos dos destemidos
dos que ousam dizer não a doutores e tiranos
esfolas as costas nuas dos que se rebelam
contra a servidão
guilhotinas o corpo de quem ousa divergir
da tua suprema sabedoria

[continua]

ah, justiça humana
gloriosa mentira
sempre pérfida
nascestes para prevaricar
para proibir as legiões de desgraçados
a gritar por liberdade
enclausuras nas masmorras seculares
os que roubam para não morrer de fome
proteges os plutocratas, os ávidos pelo vil metal

és, por si, a tradução completa de pleonexia
representada por um corpo de mulher
– belo, perfeito, sensível, sedutor
desnudada és uma medusa implacável
cujos olhos, por trás das vendas,
petrificam todos os sonhos da humanidade
por igualdade, liberdade e fraternidade

na balança que carregas em uma das mãos
vendestes nossas esperanças
trocaste nossa liberdade
por algumas poucas moedas de cobre
a verdade vendeste em um programa de televisão
e a fraternidade, ah! a fraternidade ...
passaste o fio da espada que carregas na outra mão

ah, justiça humana
gloriosa mentira
sob teus pés tomba inerte a igualdade

[continua]

calas diante da opressão
calas diante da posse
calas diante da guerra e da prepotência das nações
da injúria e da humilhação
da fome e do desperdício
da irracionalidade do interesse individual
 - sempre vil, mesquinho
ou da racionalidade do interesse coletivo
 - sempre distorcido por líderes espertos
tirana! mentirosa! hipócrita!
desumana! falsa! insana!
só não consegues fazer parar
a lágrima solitária e calma
que escorre pelos meandros da face
daquele cidadão correto e ingênuo
que jamais deixou de acreditar em ti

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

INDIFERENTES

outra pessoa
tão misteriosa quanto sou para mim mesmo
outra pessoa
que anda na nossa frente na rua
sem poder se revelar, sem poder dizer:
- sou eu, aquela ...

outra pessoa
outra qualquer que não sabemos quem é
que anda ao nosso redor
vive no nosso mundo, respira nosso ar
outra pessoa
que povoa nosso cotidiano
impressiona nossos sentidos
e nada representa
outra pessoa [milhares, milhões ...]
indiferente a nossa indiferença

como multidão não queremos correr o risco
de reconhecer ou sermos reconhecidos
somos um exército sem nome
sem sentimentos, sem dor

somos, cada um e todos nós,
a outra pessoa ... outra qualquer
sempre indiferentes à indiferença

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

REALIDADE VIRTUAL

por que não leio romances ou vejo novelas?
sei lá, talvez porque vivo em um país que me revela
um drama em cada esquina
uma tragédia em cada barraco

– há fome, miséria, analfabetismo ...
parece-me excentricidade sofrer, chorar,
preocupar-se com personagens de ficção,
quando ao nosso lado, milhares
realmente padecem em um calvário cotidiano
imposto pela insensibilidade daqueles
que diante da televisão
têm hora marcada para compadecerem
da humanidade

a novela das oito torna a todos,
indistintamente, sensíveis e apaixonados
a ficção lava a mão de todos os pilatos!
é confissão, é esmola cristã, é perdão
diante do personagem que sofre –sofremos todos
para não precisarmos depois, na vida real,
chorarmos o infortúnio de um mendigo
deitado na calçada, coberto por jornais,
em cujo corpo até as moscas hesitam em pousar

you que chorou às oito – lavou sua alma
melhor assim! posto que tudo seja ficção
pois a realidade é descolorida e não tem graça
enquanto o choro coletivo está restrito aos lares
tudo lá fora continua como sempre
tudo no seu lugar, como se fôssemos felizes
nada nos perturbando até a hora de chorarmos
novamente, defronte a um aparelho de televisão

este brasil, que chora em vão,
um dia terá a consciência de lutar por pão?!

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

RESISTINDO

não basta dizer
não basta falar ...
é necessário falar alto
mais! muito mais alto!

faz-se necessário berrar
berro pelo mundo
porque há destruição, desequilíbrio
berro pela humanidade
porque há genocídios, guerras fratricidas

não basta dizer ...
faz-se necessário um grande berro
o berro da minha boca justa
o berro de todas as bocas justas
porque o homem virou lobo
fazendo do poder um objetivo em si

não basta falar ...
o berro tem de ser maior que a boca
 pois a injustiça é maior que o injusto
 a opressão maior do que o tirano

berro livre, que ecoa pelos grotões
desse país que ensaia a modernidade

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

SOLIDARIEDADE

sempre fui daqueles
que ousaram sonhar
por isso mesmo
nunca tive ilusões
acerca de nada ou de ninguém

as pessoas são vãs
e isso agora, parece-me até ser uma coisa boa
que elas carregam consigo
vazias de si próprias
resta às pessoas encherem-se de outras pessoas

sou daquele que existe para ser solidário
sem o outro – não tenho ilusões
não há sonho possível ...
sequer pesadelo

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

CIDADANIA

o melhor lugar do mundo
é onde podemos falar
por mais trágico que possa ser
determinado momento
falar é a possibilidade
de existir futuro

não há esperança
para um povo silenciado

falar é o melhor
nem que se tenham os pardais como ouvintes
a relva como testemunha
o vento como emissário
o eco como aliado

que seja de qualquer jeito
desde que seja mantida a fala
enquanto alguém estiver falando
há esperança
há indignação
há espanto
há vida e futuro

o melhor é falar
se de tudo a arrogância apropriar-se
se tudo a prepotência desmanchar
que reste a voz de um cidadão
mantendo acesa a esperança
a certeza de haver futuro

seu silêncio é morte
sua fala, esperança
fale cidadão!

Poema publicado no livro *Cotidianas – poesias de um cidadão oprimido*.

SOLIDARIEDADE

venha comigo
me dê a mão
estenda a outra ...
pegue em mais uma mão

sorria sempre
gire no mesmo sentido do grupo
nesta brincadeira de roda
o faz-de-contas
alegra o coração

venha comigo
me dê a mão
estenda a outra
para distribuir o pão
fale sempre palavras justas
semeie compaixão

venha comigo
me dê a mão
estenda a outra
não diga não

veja pelo cego
ande pelo aleijado
ame pelo cético
sorria com o coração

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

GALHOS SECOS

em cada esquina
de minha cidade
próximas a canteiros bem cuidados
vejo crianças com mãos estendidas
pedindo um pouco da atenção
que dispensamos às flores

minha cidade
aduba terra para ver florir
begônias e azaléias ...
e joga no meio da rua
crianças rotas, rudes ...
... de olhares famintos

tristes esquinas
cenários de contraste:
flores cuidadas, crianças largadas

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

O autor retirou os dois últimos versos da edição original:
Cepas abortadas / no útero civilizatório.

AUSÊNCIA

neste natal
não quero *presente*
quero *ausente*

neste natal
o último do século
quero sentir a ausência
das crianças abandonadas
nas ruas das cidades rudes
quero registrar a ausência
do instinto fraticida dos misantropos

neste natal
quero sentir falta
a feliz ausência
dos filhos paridos prematuros
do egoísmo mercantil

nada mais quero:
tevé, cedê, carro, relógio ...
ou abraços compensatórios
nada mais quero
senão ausências
entre presentes
quero ausentes ...

que todos, então, vestidos de branco,
possam celebrar
a fraternal ausência dos males
que ao longo deste século
sempre estiveram *presentes*

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

SINAL FECHADO

pelo retrovisor do carro
vejo a tristeza se aproximar:
tem o rosto de criança
tem o corpo de menino

na mão direita
carrega um pacote de manga
nos olhos castanhos
traz muito desânimo

nas esquinas da vida
quando o sinal está fechado
abrimos a consciência
para a realidade a nossa volta:
crianças abandonadas
vestidas de tristeza
clamando por centavos ...

Poema publicado no livro *Fogo-Fátuo – o diário de um poeta triste*.

Obs: O autor trocou no último verso **clamam** por **clamando**

é preciso se indignar

piedade: milhões passam fome
 piedade: cadeias superlotadas
 piedade: crianças nas ruas fora das escolas
 piedade: casas insalubres
 piedade: concentração de riqueza
 piedade: pão jogado no lixo
 piedade: a natureza devastada

e há quem diante de tanta insensatez
 para no sinaleiro e dá uma moeda
 de vinte e cinco centavos ao mendigo com AIDS

e há quem diante de tanta pobreza
 se filia a partidos políticos
 e profere discursos incandescentes
 prometendo o paraíso na terra
 aos marginalizados e desvalidos

e há quem diante de tanta desigualdade
 prega com Bíblia em mãos
 e promete o paraíso no céu
 para todos os que na terra sofrem

e há quem diante de tanta insensatez
 elabora teorias e sistemas
 e atribui á razão e planejamento
 a solução de todos os males contemporâneos

e há quem diante de tanta corrupção
 descaradamente rouba e corrompe,
 mente e trapaceia, engana e simula
 este, piedade, é o estrume fétido
 que permite nascer do asco
 a mais bela das flores: a indignação

piedade: o mundo precisa de indignação!

Poema publicado em PIA-MATER – 2008.

Desvio ou desilusão?

jovem linda de cabelos sedosos
pele cheirosa
sorriso perfeito

jovem linda de corpo esbelto
voz macia
gestos suaves

jovem linda de olhar penetrante
tez leve
discurso engajado

jovem linda de educação refinada
idéias sofisticadas...

o que te fez prostituta?

Poema publicado em Pia-mater & Insight – 2008.

minha cidade chora

a chuva cai relaxada
sobre a Praça Irineu Bornhausen
enquanto pombos arrulham, pedintes, o grão da piedade cristã
dos ouvintes do sermão dominical

o sino da igreja bate frenético
sonoro vô sobre a Praça Irineu Bornhausen
enquanto mendigos, também pedintes,
pouco se importam com a pobreza d'alma
dos fiéis que cruzam a praça em busca de benção e perdão

quem chora?
o céu que lacrimeja gotas esparsas?
o sino que lamenta ausências?
o crente que pisa a escadaria ensaiando seu primeiro sinal da
cruz?
não !
quem chora é minha cidade
esta cidade que molhada por gotas de mendicância
revela injustiça, desigualdade ... desumanidade

minha cidade chora no domingo pela manhã
ao som do sino, arrulho metálico,
por ver-se gigante na arquitetura
mas pequena no coração

minha cidade chora
por ter erguido uma catedral ao santíssimo
e esquecido, no banco da praça, um ser humano
cuja imagem sequer pode ser refletida
nos vitrais coloridos de nossa fé

[continua]

para que templo
se do lado de fora o banco de praça é morada?
para que sinos e hinos
se o louvor é falso e o banco de praça é morada?
para que estátuas e vitrais
se o canto nem sempre é santo e o banco de praça é morada?

se pelo menos cada tijolo fosse piedade
se pelo menos cada gesto fosse amparo
se pelo menos cada canto fosse perdão
se pelos menos cada templo fosse abrigo
se pelo menos cada lágrima fosse lágrima.

[poema publicado em Pia-Mater & Insight – 2008].

mundos paralelos

Sei o quanto de belo tem o mundo:
pesco ao amanhecer, e também ao entardecer,
na Baía de Porto Belo

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina

Sei da riqueza do mundo:
visito casas suntuosas
e frequento restaurantes requintados

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina

Sei do avanço tecnológico do mundo:
tenho tevê colorida, celular, internet, computador

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina.

Sei das lutas do mundo:
votei no MDB e depois no PT e PV
lutei por causas sociais humanitárias

Mas, pela janela de minha biblioteca
vejo um mendigo dormindo
na lixeira do Ana Karina.

O pôr do sol na Baía de Porto Belo
e o mendigo dormindo na lixeira
o *filet mignon* do Iate Clube Cabeçadas
e o mendigo dormindo na lixeira;
minha tevê colorida vinte e nove polegadas
e o mendigo dormindo na lixeira
todas as causas justas, as lutas sociais, o voto consciente
e o mendigo dormindo na lixeira....

[continua]

Por que não consigo separar essas coisas?
Que consciência há em mim
que mistura *filet mignon ao molho madeira* com lixeira
pescaria ao pôr do sol com mendigo
alta tecnologia com piedade?

Talvez o mendigo, que dorme na lixeira do Ana Karina,
se alimente do meu olhar silencioso e piedoso
e peregrine no território da minha consciência
de homem pretensamente justo
Talvez o mendigo, que dorme na lixeira do Ana Karina,
viva dos restos de minha inércia
Talvez....

O certo é que há um mendigo
dormindo na lixeira do edifício Ana Karina
enquanto eu aqui, no cento e três,
dou atenção aos livros
e o pôr do sol em Porto Belo
me parece cada vez mais misterioso e belo.

Poema publicado na antologia: PROJETO PALAVRAS AZUIS.
Blumenau: Nova Letra, 2005. Coleção Prosa e Verso, volume 4.
páginas 51-52

esperando notícias

A cidade abandona nas ruas seus mendigos:
um dorme na calçada
outro pede pão pelo interfone
Uma criança sem eira
cata papelão e lata de cerveja

Enquanto a alma humana se degenera
duas andorinhas ensaiam o primeiro vôo
alimentadas no banquete de verão
servido na revoada dos cupins

O mendigo faz da calçada
sua singela morada
As andorinhas, mais altaneiras,
fazem ninho na soleira

a ambos resolvi não importunar
ou livrar da própria sorte:
contemplação

O homem se faz verme rasteiro
as aves do céu fazem canteiro
enquanto ...

*“Deus teima em não mandar notícias” **

* *“Deus teima em não mandar notícias”* – título do filme de Augustin Diaz Yanes.

Poema publicado na antologia: PROJETO PALAVRAS AZUIS.
Blumenau: Nova Letra, 2005. Coleção Prosa e Verso, volume 4.
página 53

Poema publicado em Pia-Mater & Insight – 2008.

o mendigo e a rosa

era um mendigo velho
arcado sobre a própria história

andava despreocupado sobre as lajotas
da Travessa Moritz
quando parou diante de uma rosa branca
que fugia por entre grades cinzas
de um muro azul

contemplou quanto pode a rosa
e, depois, acolheu-a entre suas mãos esfoladas e sujas
colocando-a suavemente próxima às narinas
roubando-lhe o perfume

novamente ficou paralisado a contemplá-la
até que num ato impensado
antropofágico, rápido
colocou a rosa branca entre dentes pretos..
para em seguida dar passos suaves saboreando a rosa
uma rosa branca que havia fugido
por entre grades cinzas
de um muro azul...

poema publicado em Pia-mater & insight - 2008.